

Questões metodológicas para a análise das marcas de uso na cerâmica Guarani arqueológica

Mariana Araújo Neumann*

NEUMANN, M. A. Questões metodológicas para a análise das marcas de uso na cerâmica Guarani arqueológica. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 8: 225-230, 2009.

Resumo: O objetivo deste trabalho é oferecer uma discussão sobre a metodologia que envolve o estudo de marcas de uso em cerâmica. As questões que apresento foram suscitadas através da análise de coleções cerâmicas arqueológicas Guarani oriundas do Vale do Rio Caí, Vale do Rio da Várzea e Litoral Norte do Rio Grande do Sul. No entanto, tais questões de forma alguma se restringem à cerâmica Guarani. Meu intento é que este texto possa servir como fonte de questionamentos a todos aqueles que objetivam estudar marcas de uso em qualquer coleção de cerâmica arqueológica indígena brasileira.

Palavras-chave: Marcas de uso – Cerâmica Guarani – Etnoarqueologia – Rio Grande do Sul.

A partir do ano de 2004, com a realização do seminário “Enfoques Etnoarqueológicos para a Análise de Cerâmica” e do workshop “Análise de Cerâmica Arqueológica: Tecnologia e Função”, ministrados pelo professor James Skibo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, houve aumento do interesse acadêmico em focar o problema das marcas de uso nos estudos de cerâmica arqueológica. É consenso entre os arqueólogos que somente com um olhar atento sobre estas marcas podemos identificar a real função desempenhada por uma vasilha. No entanto, apenas a partir da correlação dos resultados obtidos com os demais aspectos tecnológicos que envolvem a concepção, produção, uso e descarte de uma vasilha podemos chegar a interpretações mais sutis que as até agora alcançadas sobre as relações entre forma e função dos artefatos.

O objetivo aqui, mais que oferecer

um modelo acabado, é ampliar a discussão metodológica que envolve o estudo das marcas de uso, problematizando os empecilhos que se colocam quando enfocamos este aspecto. As questões que apresento foram suscitadas através da análise de coleções cerâmicas arqueológicas Guarani oriundas do Vale do Rio Caí, Vale do Rio da Várzea e Litoral Norte do Rio Grande do Sul (Neumann e Dias, 2005; Neumann, 2006; Neumann, 2007), pelo que se justifica o título deste artigo. No entanto, tais questões de forma alguma se restringem à cerâmica Guarani. Meu intento é que este texto possa servir como fonte de questionamentos a todos aqueles que objetivam estudar marcas de uso em qualquer coleção de cerâmica arqueológica indígena brasileira.

A metodologia de análise aplicada nestas coleções baseia-se nos trabalhos de James Skibo, principalmente no modelo etnoarqueológico de distribuição das marcas de uso desenvolvido em *Pottery Function* (1992). Não creio que seja necessário fazer aqui uma revisão deste modelo, uma vez que este artigo visa a pontuar apenas as questões surgidas da experiência de análise, em diálogo com as recentes publicações de pesquisas

(*) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista mestrado CNPq.

brasileiras sobre o tema. Nos últimos anos foram produzidos alguns trabalhos, principalmente em cursos de pós-graduação, que buscaram identificar marcas de uso em coleções arqueológicas.

Estes trabalhos avançam bastante em alguns aspectos. Por exemplo, a partir de uma mescla de metodologias, Saldanha (2005) oferece uma boa aproximação à funcionalidade das vasilhas Proto-Jê. Para a cerâmica Guarani, Fidryszewski (2007), enfatizando exclusivamente as marcas de uso em uma grande coleção de vasilhas inteiras, consegue perceber uma variedade maior nas formas clássicas identificadas por Brochado e La Salvia (1989). No entanto, retomo a necessidade de correlacionarmos concepção, produção, uso e descarte como uma chave metodológica.

Para tanto, o enfoque sobre as marcas de uso ainda necessita ser bem fundamentado sobre pesquisas experimentais e etnoarqueológicas orientadas para problemáticas específicas às cerâmicas e aos contextos brasileiros. Devemos ter em mente que a aplicabilidade do estudo das marcas de uso não se restringe à identificação de formas de uso. Mais do que isto, este tipo de análise viabiliza melhor compreensão da relação entre forma e função dos artefatos, tornando possível também chegarmos a conteúdos mais sutis sobre as práticas alimentares dos grupos que estudamos.

Um exemplo de trabalho que procura estes conteúdos é “Pausa para um banquete” (Dantas; Lima 2006). Nele os autores realizaram a análise de 30 vasilhas arqueológicas associadas a contextos funerários e, através da observação etnoarqueológica das marcas de uso nas vasilhas cerâmicas similares ainda hoje produzidas na região, inferiram suas dinâmicas de uso no passado. Considerando ainda dados de dois estudos etnográficos sobre rituais funerários, concluíram que as vasilhas analisadas foram confeccionadas e utilizadas especificamente para a realização de banquetes fúnebres.

Embora este trabalho ofereça um referencial importante para novos estudos, principalmente pelo modelo etnoarqueológico das marcas de uso que sugere, penso que poderia ter avançado em alguns pontos. Por exemplo, apesar de todos os aspectos tecnológicos que observa na análise da coleção (técnica de confecção, tratamento de superfície, antiplástico, alterações por uso), não houve a preocupação em registrar alterações

tafonômicas, o que teria sido fundamental para definir a discriminação que os autores fazem entre marcas de carbonização e fuligem “discretas” e “intensas”

O fato é que nem sempre as coleções cerâmicas a que temos acesso contemplam vasilhas inteiras em que seja possível observar a distribuição das marcas de uso e relacioná-las – discriminando sua intensidade. Ao contrário, o mais comum é que nos atenhamos sobre fragmentos. Neste caso a evidênciação destas marcas apresenta problemas ainda maiores, e o não questionamento sobre as alterações tafonômicas pode gerar resultados falsos. Por exemplo, sem explorar processos de erosão superficial, como observar estrias de atrito por uso ou diferenciar uma superfície alterada por fermentação (produção de *cauim*)? Como garantir que as marcas de queima que vemos são produto do uso e não das queimadas para a abertura das roças onde normalmente encontramos os sítios? O que difere a intensidade de carbonização entre duas vasilhas se não considerarmos possíveis diferenças em seus contextos deposicionais (ou diferentes estagiários procedendo à sua limpeza após a escavação)? Estas questões, apesar de dificultarem, não inviabilizam a aplicação da metodologia em coleções de fragmentos. Apenas devemos buscar estratégias para superá-las e, não, abandonar o problema.

E elas somente referem-se às inter-relações existentes entre uso e descarte, que podem “mascarar” um ao outro. Mas na busca de um entendimento profundo do fenômeno tecnológico, entendido como uma porta de acesso a informações de cunho sociocosmológico, precisamos também olhar para as inter-relações entre produção e uso.

Podemos pensar os objetos envolvidos em diferentes momentos da vida de um grupo social. Entre os Assurini, por exemplo, há produção de artefatos com caráter exclusivamente ritual (Muller 1990; Silva 2000). Mas mais uma vez retomo a natureza de nosso objeto de pesquisa: na maior parte das vezes nos debruçamos sobre fragmentos recuperados em sítios bastante alterados, em que o contexto original está definitivamente perdido.

Assim como na situação anterior, não significa que não possamos perceber este dado nas coleções. O que podemos buscar em termos

de metodologia de análise é esgotar as variáveis envolvidas na produção de uma categoria artefactual tentando identificar, em meio a centenas de fragmentos cerâmicos (ou mesmo em vasilhas bem preservadas), aspectos que possam indicar especificidades. São indicadores tecnológicos de produção, por exemplo, antiplástico, cor da pasta, técnica de confecção, ambiente de queima, dimensões, acabamentos e tratamentos de superfície. Uma vez observada uma variabilidade de produção, é fundamental encontrar formas de significar estas escolhas, seja através de pesquisas de arqueologia experimental, seja na etnografia.

Com relação à cerâmica Guarani, por exemplo, qualquer análise de coleção deixa evidente a grande variedade de composições de pasta utilizadas. Considerando esta variedade em termos de performance, através de estudos experimentais sobre resistência dos materiais como os de Bronistky (1986) e Bronitsky e Hamer (1986), é possível chegarmos a resultados como, por exemplo, a identificação de especificidades funcionais em uma mesma categoria de vasilhas. É o caso das vasilhas *cambuchi* (talhas). Através do estudo da composição das pastas, pudemos perceber a diferença entre vasilhas para armazenamento de água e fermentação de bebidas (Neumann; Dias 2005), além de identificar uma outra função própria a estas vasilhas na produção de *cauim* (Neumann 2006; Neumann 2007).

Esta variabilidade nos remete a questões de ordem simbólica sobre estas diferentes pastas. Neste sentido, o trabalho de Garlet e Soares (1998), sobre a produção de cachimbos entre os Mbyá-Guarani, incita questionamentos interessantes. Da escolha das matérias-primas às técnicas de polimento, o processo de confecção de cachimbos está atravessado pela agregação de forças mágicas às peças. Há elementos importantes como a cor da argila (não só crua, mas também sua tonalidade após a queima), o brilho que adquire com o polimento e a resina, o antiplástico, ou seja, aspectos que podemos observar durante uma análise em laboratório. Há também outros que não inferimos do registro arqueológico, mas que mostram a simbologia envolvida na produção destes objetos, como a estação do ano adequada e a limitação a certos nomes a quem é permitido produzi-los.

Dos elementos citados pelos autores, talvez o

que mais chame a atenção como um desafio para o estudo tecnológico de cerâmicas arqueológicas é justamente a composição das pastas, e o tipo de antiplástico necessário. Caracterizado pelos arqueólogos como um material estável, não solúvel e que não desenvolve plasticidade em contato com a água (Rye 1981; Rice 1987; Sinopoli 1991; Shepard 1985), temos pensado o antiplástico apenas por seu papel funcional, seja evitar rachaduras e quebras durante o processo de secagem e queima do vasilhame, seja atuar no desempenho pretendido.

Garlet e Soares informam (1998:255) que, além da areia, é usado como antiplástico – principalmente quando se trata de cachimbos destinados ao uso ritual – pó de ossos de porco do mato, considerado o animal doméstico de *Ñanderu* (Nosso Pai). Aqui reside a necessidade de utilizarmos modelos e dados provenientes de etnografias. Qual a simbologia dos ossos? O que significa ser um animal doméstico? Que espécie de capacidades xamânicas passa a emanar deste objeto a partir de sua composição, sob o uso de um pajé? Na etnologia brasileira existem hoje muitos conceitos que nos permitem formular este tipo de questão e interpretar as informações provenientes do registro arqueológico, como, por exemplo, os debates acerca do perspectivismo (Viveiros de Castro 2002; Lima 1996), e a noção de predação familiarizante (Fausto 2001).

Assim, concluir que um conjunto artefactual arqueológico qualquer foi confeccionado e usado especificamente para um ritual depende, por um lado, da exploração exaustiva de dados e modelos etnográficos e, por outro, de um estudo tecnológico comparativo entre diferentes categorias de artefatos, de forma a significar de que forma as possíveis diferenças materiais encontradas remetem à sociocosmologia dos grupos que estudamos – em que talvez o limite entre o ritual e o cotidiano seja muito mais tênue (Granizo 2007; Gastaldi 2007).

Em arqueologia, as implicações entre teoria e método são muito evidentes. Estas questões metodológicas que sugeri e as críticas que propus partem de um referencial teórico específico que vem sendo desenvolvido muito recentemente.

Trata-se da arqueologia simétrica¹. A partir das suas proposições, tomo o conceito de tecnologia como central para o pensamento arqueológico. Segundo Ingold (2000), em sociedades não modernas ou não ocidentais, uma tecnologia nos remete a “seres humanos, vivendo e trabalhando em ambientes que incluem outros humanos assim como uma variedade de agências e entidades não humanas”, que coletivamente constituem um mundo social comum (p.321). Desta forma construído, o conceito de tecnologia restabelece o princípio de simetria entre pessoas e coisas, viabilizando a compreensão das relações de socialidade estabelecidas entre as pessoas do passado a partir das relações que estas estabeleceram entre si, seu mundo e seus objetos.

À guisa de conclusão, penso que realizar um estudo tecnológico, tendo em mente conceitos simétricos, é mais do que determinar o caráter funcional dos artefatos. Significa perceber produção, uso e descarte como aspectos inter-relacionados, que somente em conjunto são capazes de dar uma visão da totalidade do

fenômeno tecnológico, e nisto perceber aquilo que verdadeiramente é o objeto de pesquisa da arqueologia, as lógicas e os modos de vida do passado.

Em suma, as questões metodológicas que observo serem necessárias em um estudo de marcas de uso em cerâmicas arqueológicas são:

- um estudo de marcas de uso deve centrar-se também sobre a produção e o descarte, pois a fragmentação do fenômeno tecnológico cria fenômenos diferentes. Isto pode resultar no abandono da metodologia, na mera descrição das marcas ou em resultados controversos;
- a interpretação das marcas de uso depende de várias outras fontes de dados: a arqueologia experimental, a etnoarqueologia e a etnografia. A partir desta interdisciplinaridade podemos partir dos aspectos materiais para chegar aos simbólicos;
- neste sentido, é fundamental que se desenvolvam novas pesquisas de arqueologia experimental e de etnoarqueologia, focando problemáticas específicas às cerâmicas e contextos brasileiros;
- é necessário produzirmos modelos arqueológicos de distribuição de marcas de uso em coleções de vasilhas inteiras, visando a facilitar sua visualização em fragmentos.

(1) Sobre a arqueologia simétrica: <http://humanitieslab.stanford.edu/Symmetry/9>

NEUMANN, M. A. Methodological issues for useware analysis in archaeological Guarani pottery. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 8: 225-230, 2009.

Abstract: The aim of this paper is to offer a discussion about methods involved on useware study on pottery. The issues that I present was observed through Guarani pottery archaeological assemblage analysis found in Vale do Rio Cai, Vale do Rio da Várzea and Rio Grande do Sul north coast. However, these issues are not restricted to ceramic Guarani. My intention is that this article may serve as a source of questions to anyone who aims to study useware in any Brazilian collection of archaeological indigenous ceramics.

Keywords: Trace use – Guarani pottery – Etnoarchaeology – Rio Grande do Sul

Referências bibliográficas

- BROCHADO, J.; LA SALVIA, F.
1989 *Cerâmica Guarani*. Posenato Arte e Cultura. Porto Alegre.
- BRONITSKY, G.
1986 The use of materials science techniques in the study of pottery construction and use. *Advances in Archaeological Method and Theory*, 9: 209-265.
- BRONITSKY, G.; HAMER, R.
1986 Experiments in ceramic technology: the effects of various tempering materials on impact and thermal-shock resistance. *American Antiquity*, 51(1): 89-101.
- DANTAS, V.J; LIMA, T.A.
2006 *Pausa para um Banquete. Análise de marcas de uso em vasilhames cerâmicos pré-históricos do sítio Justino, Canindé do São Francisco*, Museu de Arqueologia do Xingu, Aracaju.
- DOBRES, M.
2000 *Technology and Social Agency*. Blackwell. Oxford.
- FAUSTO, C.
2001 *Inimigos Fiéis. História, Guerra e Xamanismo na Amazônia*. EDUSP. São Paulo.
- FIDRYSZEWSKI, T.
2007 *Alterações de uso em Cerâmica Guarani. Uma análise utilitária de 21 vasilhas do Alto Uruguai*. Monografia. PUCRS. Porto Alegre.
- GARLET, I.J.; SOARES, A.L.R.
1998 Cachimbos Mbyá-Guarani: Aportes Etnográficos para uma Arqueologia Guarani. IN: FUNARI, Pedro Paulo Abreu (org.). *Arqueologia Histórica e Cultura Material*. UNICAMP. Campinas.
- GASTALDI, M.
2007 Intersectando biografías: prácticas de almacenamiento, vasijas y personas en el Valle de Ambato. Primer milenio A. D. Apresentada na *IV Reunión Internacional de Teoría Arqueológica em América del Sur/Inter-Congreso del WAC*. Argentina. Catamarca. (Comunicação).
- GRANIZO, M.G.
2007 *Los objetos cerámicos como categorías de la práctica social*. In: *IV Reunión Internacional de Teoría Arqueológica em América del Sur/Inter-Congreso del WAC*. Argentina. Catamarca. (Comunicação).
- INGOLD, T.
2000 *The Perception of the Environment: Essays in Livelihood, Dwelling and Skill*. Routledge. London.
- LIMA, T. S.
1996 O dois e seu múltiplo: reflexões sobre o perspectivismo em uma cosmologia Tupi. *Mana*, 2(2), 21-47.
- MULLER, R. P.
1990 *Assurini: História e Arte*. UNICAMP. Campinas.
- NEUMANN, M. A.; DIAS, A.
2005 A Cerâmica Guarani Pré-Colonial do Vale do Cai (Rs): Aspectos de Estilo Tecnológico e Função. In: *XIII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, Campo Grande. (Comunicação)

- NEUMANN, M.
2006 A Forma e a Função. Uma investigação acerca da variabilidade na cerâmica Guarani pré-colonial. V. In: *Encontro do Núcleo Regional Sul da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Rio Grande. (Comunicação).
- NEUMANN, M. A.
2007 Outra Vasilha para uma Nova Fervura. Contribuições para o Estudo Funcional da Cerâmica Guarani. In: *IV Reunión Internacional de Teoría Arqueológica em América del Sur/Inter-Congreso del WAC. Catamarca (Argentina)*. (Comunicação)
- RICE, P.
1987 *Pottery Analysis: a source book*. University of Chicago Press. Chicago.
- RYE, O.
1981 *Pottery Technology*. Washington: Taraxacum.
- SALDANHA, J. D.
2005 *Paisagem, lugares e cultura material: uma arqueologia espacial nas terras altas do sul do Brasil*. Dissertação de mestrado. PUC-RS. Porto Alegre.
- SHEPARD, A.
1985 *Ceramics for the archaeologist*. Ann Arbor. Washington.
- SILVA, F.
2000 *As Tecnologias e Seus Significados: Um Estudo da Cerâmica dos Asuriní do Xingu e da Cestaria dos Kayapó-Xikrin Sob Uma Perspectiva Etnoarqueológica*. Tese de doutoramento. São Paulo: USP.
- SINOPOLI, C.
1991 *Approaches to archaeological ceramics*. Plenum Press. New York.
2007 *Symmetrical Archaeology* - <http://humanitieslab.stanford.edu/Symmetry/9> (Último acesso em 29 de agosto de 2007).
- SKIBO, J.
1992 *Pottery Function*. Plenum Press. Nova York.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. B.
2002 "Perpectivismo e multinaturalismo na Amazônia indígena". In: *A inconstância da alma selvagem*. Cosac & Naify. São Paulo: 345-399.

Recebido para publicação em setembro de 2007.